

CÉSAR OBEID

Minhas rimas de cordel

Leitor fluente — 4º ao 7º ano do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?¹*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

CÉSAR OBEID

Minhas rimas de cordel

Leitor fluente – 4º ao 7º ano do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O AUTOR

César Obeid, nascido na cidade de São Paulo, é um fiel apaixonado pela cultura popular. Formado em Administração de Empresas pelo Mackenzie, em 1997, hoje dedica a maior parte de suas atividades à difusão da literatura de cordel e do repente de viola. Além de pesquisador da poesia popular em versos, é, ele mesmo, um cordelista, repentista e contador de histórias de cordel.

Autor de inúmeros cordéis para todas as faixas etárias, César Obeid ministra cursos de cordel para o público em geral e para educadores. Costuma apresentar seu trabalho como artista e educador em diversos projetos ligados ao SESC, ao SESI e às Secretarias Municipais e Estaduais de Cultura, além de escolas e faculdades. Para o teatro, escreveu e produziu dois espetáculos: *De repente, o cordel* e o infantil *A princesa e o quengo nas charadas do*

destino, dos quais também participou como ator. É autor de *Minhas rimas de cordel*, *Rimas animais*, *Rimas juninas*, *Aquecimento global não dá rima com legal*, *Para ler, ver e ouvir*, *O cachorro do menino*, *Brincantes poemas*, *No país das bexigas*, *Tupiliques – Heranças Indígenas no Português do Brasil*, todos publicados pela Editora Moderna; *História de João Grilo e dos três irmãos gigantes*, *Criança poeta*, pela Editora do Brasil; *Patinho Feio em cordel*, *João e o pé de feijão em cordel*, pela Mundo Mirim; *Desafios de cordel*, pela FTD; *O valente domador*, pela Scipione.

RESENHA

César Obeid não é nordestino, mas mostra, em seu trabalho, desenvoltura na criação de versos de cordel para ninguém botar defeito.

Sempre com grande senso de humor, o autor nos apresenta, em primeiro lugar, uma série de versos em que brinca com conhecidos provérbios, sem nunca perder o ritmo. A seguir, novas estrofes, dessa vez a partir de credices populares, em que o medo de passar debaixo da escada ou de quebrar um espelho pode se transformar em poesia. Logo depois, o autor nos desafia com as suas adivinhas, algumas mais complicadas, outras simples, em que rima a pergunta para depois rimar a resposta. No final do livro há mais um presente: a divertida história de uma velhota fofqueira, recriada pelo autor da tradição oral.

É fácil perceber que os versos de *Minhas rimas de cordel* foram feitos para ser declamados em voz alta. O autor, muitas vezes, se dirige aos leitores como um contador de histórias que se dirige ao público e ouve suas respostas.

O caráter popular desses versos fica evidente não somente pela sua estrutura de rimas de cordel, mas também pelos temas escolhidos pelo autor, todos ligados à cultura popular brasileira.

Estamos aqui, porém, diante de um trabalho que está longe de ser um estudo distanciado do folclore – o que temos é um autor que reinventa, com muito humor e graça, esse formato tradicional, à sua maneira.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: cordel.

Palavras-chave: cultura popular, folclore, tradição oral, provérbios, credices, charadas, humor.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Artes.

Tema transversal: pluralidade cultural.

Público-alvo: leitor fluente – 4º ao 7º ano do Ensino Fundamental.

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

1. Pergunte aos alunos o que eles sabem a respeito da literatura de cordel. Verifique se já leram algum folheto de cordel.

2. Informe que os versos de cordel do livro que irão ler trabalham com alguns elementos da cultura popular: provérbios, credices e adivinhas. Peça que coletem provérbios, credices e adivinhas que conheçam e os tragam para compartilhar com a classe.

3. Diga a eles que observem as xilogravuras que ilustram o livro. O que elas nos permitem imaginar a respeito do conteúdo do texto?

b) durante a leitura

1. Sendo o cordel uma forma de literatura de origem oral, cujos versos são feitos para ser declamados ou cantados, é interessante realizar a leitura do livro em voz alta. Uma possibilidade é dividir a turma em grupos e separar um trecho do livro para cada grupo, marcando uma data para a leitura.

2. Num dos capítulos do livro, o autor constrói rimas a partir de adivinhas: uma estrofe com a pergunta, outra com a resposta. Sugira que tentem decifrar as charadas, antes da leitura das respostas.

3. Peça aos alunos que assinalem os provérbios e as credices citados no texto que conhecerem.

4. Sugira que procurem perceber as relações que existem entre o texto e as ilustrações feitas por Regina Drozina e Valdeck de Garanhuns. Que provérbio aparece na xilogravura da p. 13? Há referência no texto à credice representada na xilogravura da p. 27? De que forma a ilustração da p. 31 nos remete às adivinhas? Como a velha fofqueira da história é caracterizada na imagem da p. 39?

5. Na capa do livro, encontramos um contador de histórias entretendo uma plateia; essa imagem está de acordo com a maneira pela qual o autor nos apresenta os versos de cordel. O autor refere-se ao leitor com palavras como “ouvintes”, “meu povo”, “pessoal”, demonstrando que a literatura de cordel é escrita para ser falada. Peça aos alunos que identifiquem no texto os momentos em que o autor se dirige diretamente aos leitores e verifique se percebem que esses momentos nos remetem mais a um contador de histórias se dirigindo a seu público do que a um cronista se dirigindo a seus leitores.

c) depois da leitura

1. Retome os provérbios conhecidos pelos alunos e verifique se compreenderam o sentido dos demais. Compare o texto do provérbio que os alunos conheciam com a forma como são citados no livro: há mudanças?

2. O mesmo pode ser feito com as crendices e as adivinhas. De que maneira os alunos conhecem cada crendice e cada adivinha? Como elas aparecem no livro?

3. A história da velhota fofoqueira, muito divertida, merece uma leitura dramática, já que possui muitos diálogos. O grupo que ficar responsável por essa história poderá eleger uma pessoa para fazer o papel da velhota, outra para o papel do marido e outras para o papel dos narradores. Se possível, seria interessante trazer figurinos e outros objetos para a cena. O importante é deixar solta a criatividade.

4. Peça que seus alunos observem as estrofes do texto e verifiquem se o número de versos se modifica de uma estrofe para a outra. Peça também que verifiquem quais são os versos que rimam em uma mesma estrofe. E a posição das rimas, muda de uma estrofe para a outra?

5. Chame a atenção de seus alunos para o ritmo fluente que o cordel tem. Diga-lhes que isso acontece porque os poemas possuem uma *métrica* e que cada um dos versos tem sete sílabas poéticas. Explique-lhes que a divisão de sílabas, no cordel, não corresponde à que estão acostumados, já que ela está muito mais ligada à sonoridade das palavras do que à sua ortografia. Analise alguns versos do texto para mostrar como essa divisão funciona, explicando que, em alguns casos, duas sílabas podem se juntar em uma (“mi’a” em vez de “minha”) e que da última palavra do verso não se contam as sílabas posteriores à sílaba tônica. Após a explicação, deixe que seus alunos realizem o “teste”, verificando se é verdade que todos os versos do texto têm mesmo sete sílabas.

6. Pode ser interessante trazer uma poesia com uma métrica diferente para apresentar aos alunos. Um poema da literatura erudita, em versos decassílabos (os cordelistas também os utilizam) ou dodecassílabos, e um poema mais moderno, em versos livres. Qual o efeito que cada um dos tipos

de métrica produz? Por que será que o verso de sete sílabas é mais utilizado na cultura popular?

7. Agora é a vez de os próprios alunos testarem seu talento como autores de literatura de cordel. Para facilitar o trabalho, podemos trabalhar a partir de um exercício proposto pelo autor César Obeid, chamado XAXAXA. O XAXAXA é o esquema das palavras que rimam e não rimam dentro da sextilha, sendo X os versos livres e A os versos com rimas.

1 _____ X

2 _____ A

3 _____ X

4 _____ A

5 _____ X

6 _____ A

- Em primeiro lugar, deixe que os alunos escolham o tema que desejam tratar. Então diga a eles que escolham uma palavra que simbolize bem esse tema e que não seja muito difícil de rimar. Essa palavra deve ser colocada no último verso, pois a estrofe de cordel guarda o seu maior sentido na última linha. Depois, peça aos alunos que pensem em outras palavras que rimem com a palavra escolhida e, entre elas, escolham duas para colocar no final dos dois outros versos com rima, o segundo e o quarto.

Exemplo:

1 _____ X

2 _____ flor A

3 _____ X

4 _____ dor A

5 _____ X

6 _____ amor A

- Agora é só metrificar, construindo versos de sete sílabas, e manter as rimas.

Exemplo:

1 Eu te dou um chocolate X

2 Um beijinho e uma flor A

3 É que junto de você X

4 Eu não sei o que é dor A

5 Só resta então dizer X

6 Eu te amo, meu amor. A

Observação: Informe aos alunos que as rimas utilizadas pelo autor, como também pela maior parte dos cordelistas, são todas rimas perfeitas, isto é, a rima, dentro de uma palavra, começa sempre na “vogal da sílaba tônica” e vai até o final.

8. Peça aos alunos que realizem uma pesquisa a respeito da literatura de cordel. Qual sua região

de origem? (Informar que o cordel é uma manifestação de origem sertaneja, ou seja, a maior parte dos poetas é nascida no sertão. Falar também sobre o processo migratório e dizer que há cordel sendo produzido em praticamente toda grande cidade do país e que São Paulo é o maior polo de cordel fora do Nordeste.)

Qual a origem do nome? Quais são os temas e personagens mais recorrentes? Quais os principais autores do gênero? (Não se esquecer de incluir os contemporâneos e confirmar que a manifestação permanece viva até hoje.)

9. O folheto de cordel quase sempre vem acompanhado de xilogravuras. Peça aos alunos que pesquisem sobre essa técnica trazendo imagens. Se possível, converse com o professor de Artes sobre a possibilidade de os alunos experimentarem essa técnica e criarem, eles mesmos, xilogravuras para ilustrar as suas estrofes de cordel.

10. Para saber mais sobre o assunto e ler outros títulos disponíveis *on-line*, visite os sites: <http://www.ablc.com.br/> e www.teatrodecordel.com.br

11. Avalie a possibilidade de assistir com a turma a um dos filmes:

Narradores de Javé. Dir. de Eliane Caffé, Bananeira Filmes/Gullane Filmes/Laterit Productions. Quando os habitantes de Javé tomam conhecimento de que o pequeno vilarejo em que vivem pode desaparecer sob as águas de uma enorme usina hidrelétrica, decidem preparar um documento contando todos os grandes acontecimentos heróicos de sua história para escapar da destruição. Como a maioria dos moradores são analfabetos, a primeira tarefa é encontrar alguém que possa escrever as histórias.

O homem que virou suco. Dir. de João Batista de Andrade, Dinafilme/Embrafilme/CDI. Um migrante nordestino, contador de cordel e recém-chegado a São Paulo, é confundido com um operário que matou o patrão. Decidido a provar sua inocência, é obrigado a se esconder da polícia.

DICAS DE LEITURA

► do mesmo autor

Aquecimento global não dá rima com legal. São Paulo: Moderna.

Brincantes poemas. São Paulo: Moderna.

Desafios de cordel. São Paulo: FTD.

Para ler, ver e ouvir. São Paulo: Moderna.

Rimas animais. São Paulo: Moderna.

Rimas juninas. São Paulo: Moderna.

► sobre o mesmo gênero

A editora Hedra publicou antologias de renomados autores de cordel:

Cordel de Expedito Sebastião Silva

Cordel de João Martins de Athayde

Cordel de Raimundo Santa Helena

Cordel de Severino José

Cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante

Cordel de Zé Vicente

Cordel de Teo Azevedo

Cordel de Minelvíno Francisco Silva

Cordel de Cuíca de Santo Amaro

Cordel de Patativa do Assaré

Antologia de Folhetos de Cordel – Amor, história e luta, de Márcia Abreu (Org.). São Paulo: Moderna.